

## CONTEÚDOS

### 01-EDITORIAL

02-ARTIGO O MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO DE CULTURA CIENTÍFICA

08-OPINIÕES COMO COGUMELOS...: A ERA DO *FRANCHISING* CHEGA AOS MUSEUS

11-ENTREVISTA COM... FERNANDO CHAVES, DIRECTOR DE MARKETING DA XEROX

13-IN MEMORIAM PER-UNO ÄGREN

15-NOVAS PUBLICAÇÕES

16-CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

## EDITORIAL

O presente número da Informação ICOM.PT espelha bem a realidade dos museus, no mundo e em Portugal, através dos temas escolhidos para as suas diferentes secções.

Como problemática de fundo, pareceu-nos estar na hora de abrir entre nós, e no fórum apropriado que é o dos profissionais dos museus, um debate em torno dos benefícios e custos da invasão dos museus por parte do mercado, tendo para o efeito procurado recolher um conjunto de opiniões tão diversas que pudessem dar conta do quase antagonismo que na actualidade parece existir quanto as estas matérias. Trata-se de um terreno em que a maioria dos profissionais de museus normalmente não entra, ou até evita, preferindo recolher-se no conforto das suas colecções e dos seus espaços de trabalho. Mas, tarde ou cedo, hão-de surgir – ou até já estão a acontecer - entre nós os impactes da tendência global para que tudo cada vez mais se meça por critérios de eficácia, entendidos como número de visitantes e ruído mediático. Importa por isso estarmos prevenidos, sabermos o que queremos, para aproveitar o que o “mercado” tem de bom e precaver o que tem de mau.

E deve sublinhar-se que não existem domínios da vida dos museus a que toda esta problemática seja alheia. Um desses domínios, aliás decisivo, é o das profissões museais. O ICOM, através do ICTOP, tem dedicado especial atenção a este aspecto, produzindo um “quadro referência” das profissões dos museus, que contou com a contribuição do ICOM.PT (traduzido já para português e disponível no nosso sítio Internet). As palavras nunca são inocentes: director ou gestor, conservador ou curador, monitor ou *marketeer*, etc., etc. Menos inocentes ainda são os conteúdos que lhes subjazem, assim como as opções sobre contratualização e vinculação. É tudo isto que nos propomos discutir em 8 de Outubro próximo, entre as 15h e as 18h, na Universidade Lusófona de Lisboa, com a presença de Angelika Ruge, presidente do ICTOP.

Que os grandes problemas não nos façam, porém, esquecer as pequenas/grandes alegrias e tristezas do dia-a-dia. Daí que se imponham a fechar este texto duas notas, imprescindíveis.

Uma de júbilo, pela atribuição ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra do Prémio Micheletti para o Melhor Museu Europeu de 2008, na sua área de especialidade – prova provada do muito que os museus portugueses têm evoluído e do trabalho de excelência que por vezes vamos fazendo, quando nos deixam. No caso vertente, e conforme observou o júri do concurso em passagem que é citada no artigo que neste boletim assina Paulo Gama Mota, director do Museu, a receita do êxito está na combinação de vários factores, que vão desde o cuidado posto no restauro do célebre e precioso *Laboratorio Chimico* até ao programa de actividades, passando pelo carácter interdisciplinar dos conteúdos expositivos. Enfim, uma harmoniosa ligação entre passado e presente, entre tradição e modernidade, que nos enche de prazer e nos leva a felicitar todos os nossos colegas que ali trabalham.

A outra nota com que terminamos é de pesar, pelo falecimento Per-Uno Ägren, que tão bons serviços prestou ao ICOM e aos museus em todo o mundo. A participação recente que tivemos na Assembleia-Geral e no Comité Consultivo do ICOM constituiu para nós, que ali fomos pela primeira vez, uma enorme aprendizagem. E fez parte dela a convicção com que viemos de que o ICOM esfíngico e distante, impenetrável, não existe; o que existem são pessoas que se batem pelas suas convicções, pelos seus ideais em nome do reconhecimento dos museus e do seu permanente desenvolvimento. Per-Uno Ägren, segundo dizem todos os que o conheceram, como é o caso das nossas colegas a quem pedimos depoimentos para este boletim, está entre esse grupo de notáveis que nos dignificam e fazem sentir o privilégio de trabalharmos em museus.

Luís Raposo  
Presidente do ICOM PT

## ARTIGO

### O MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA: A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO ESPAÇO DE CULTURA CIENTÍFICA

Paulo Gama Mota

Director do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra



Fachada do *Laboratorio Chimico* após restauro, com o Museu em funcionamento. (foto: Emanuel Brás)

A Universidade de Coimbra é detentora de um importante e, em alguns casos, único património científico, que foi acumulando ao longo dos séculos. Assumem particular relevância mundial as colecções de instrumentos científicos e de objectos de história natural do séc. XVIII, que documentam, de forma exemplar, o empreendimento iluminista de conhecer, descrever e compreender o mundo natural, que envolveu os espíritos mais cultos e empreendedores da Europa da época.

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (UC) nasceu da vontade e necessidade sentida por interessados e responsáveis da Universidade, em particular o seu Reitor, Fernando Seabra Santos, na requalificação desse importante património científico. O reconhecimento do valor desse património implicou a assunção de um compromisso: o de tornar acessível a toda a sociedade o importante acervo que foi sendo recolhido e estudado ao longo dos últimos séculos.

Inaugurado a 5 de Dezembro de 2006, o Museu da Ciência recebeu já várias distinções e prémios. Destaco o Micheletti Award 2008, para o Melhor Museu Europeu de Ciência, Técnica e Indústria, atribuído pelo European Museum Forum, a Menção Honrosa para Museu do Ano da APOM e o Prémio Diogo de Castilho de Arquitectura, para o projecto dos Arq. João Mendes Ribeiro, Carlos Antunes e Desirée Pedro.

Desde a sua abertura, a jovem e pequena, mas muito motivada, equipa do Museu tem desenvolvido um programa diversificado de iniciativas e actividades, procurando responder ao desafio de o constituir num centro de difusão de cultura científica, baseando-se, para tal, na rica história e nas colecções da Universidade de Coimbra, por um lado, e na investigação científica que se produz no país actualmente. Essas iniciativas compreenderam exposições temporárias, colóquios, conversas com cientistas, demonstrações, ateliers e programas para grupos especiais de visitantes. A actividade do Museu tem merecido um excelente acolhimento público, avaliado pelas opiniões dos nossos visitantes e da imprensa.

## Organização de ideias e definição de objectivos

Desde 1994 que se desenvolveram iniciativas tendentes à reorganização dos vários museus disciplinares existentes, a maioria sem recursos e pessoal suficiente para a sua manutenção em condições adequadas, conforme o código do ICOM. Para tal, promoveu-se uma reflexão interna e a consulta a especialistas mundiais, dos Museus de História Natural de Londres, Paris e Nova Iorque. Em 1999 foi constituída uma Comissão para a elaboração de um programa para o Museu da Ciência, com objectivos e plano de concretização. O programa, apresentado em 2000, serviu de base para a constituição do museu.

O programa proposto para o museu assentava num conjunto de princípios:

1. o Museu da Ciência devia agrupar o conjunto de colecções da Universidade de Coimbra, bem como todos os instrumentos científicos de valor museológico, numa única instituição, criando as condições para a sua preservação e tornando-as acessíveis para estudo;
2. pretendia-se criar um pólo nacional de difusão das ciências aberto à sociedade, apoiando-se no conhecimento dos especialistas da Universidade de Coimbra e nas relações existentes com a comunidade científica nacional e internacional;
3. em termos museológicos, o programa destinava-se a criar um espaço de difusão das ciências para um vasto público, incluindo as crianças, tanto em viagens de estudo como em visitas familiares, e não restrito a um público de especialistas;
4. deveria ter a ambição de difundir os conhecimentos científicos à sociedade, contribuindo para que os visitantes tomem consciência das relações entre os diversos ramos da ciência, bem como entre a ciência e a sociedade.

Assim, o Museu da Ciência a criar deveria, em termos da sua filosofia expositiva, ter um carácter interdisciplinar; deveria possuir uma vertente de investigação e uma vertente de actividade pública, de divulgação da ciência, muito forte; deveria promover o diálogo entre a sociedade e a ciência contemporânea, acolhendo e incentivando a discussão sobre problemas socialmente relevantes, como a preservação da biodiversidade, o aquecimento global ou a poluição e a utilização dos recursos energéticos. Naturalmente, alguns destes objectivos colidiram com perspectivas diferentes entre membros da Universidade de Coimbra sobre a natureza da organização e função de um museu de ciência. Procurou-se, através do diálogo e da construção desta primeira fase do projecto, tornar evidentes as vantagens do programa proposto e obter um apoio generalizado.

## Desafios

Colocavam-se vários desafios à equipa museológica de que se dão alguns exemplos. Construir um museu de ciência moderno, capaz de relacionar os objectos históricos com a ciência modernamente produzida e de cativar o interesse de todos os públicos. Conseguir expor e tornar acessíveis conceitos científicos, de forma clara, sem ceder a uma excessiva simplificação e infantilização de conteúdos. Compatibilizar a apresentação dos objectos museológicos com as novas formas de comunicação: recorrendo ao multimédia e à realização de experiências interactivas pelos visitantes, este último, um princípio desenvolvido inicialmente nos centros de ciência, como o Exploratório de S. Francisco ou o Palais de la Découverte, em Paris. Harmonizar uma cenografia moderna com um edifício histórico com um carácter tão marcante, como este primeiro laboratório português e, hoje, o mais antigo edifício-laboratório de química existente, com o seu anfiteatro, as suas nove 'hottes' e uma escala surpreendente de quase 10 metros.

## Edifício

O diálogo muito próximo e profícuo mantido com a equipa de arquitectura foi determinante para a resolução da maior parte dos problemas que foram surgindo durante o projecto. Mas, naturalmente que a grande

sensibilidade daquela equipa para as características deste projecto, envolvendo a recuperação de um importante equipamento histórico e, ao mesmo tempo, introduzindo importantes marcas de modernidade, sem desvirtuar o passado, foram extremamente importantes. A intervenção arqueológica veio revelar que o antigo refeitório jesuíta do séc. XVI fora incorporado na construção do laboratório do séc.XVIII, tendo sido mantidas, embora tapadas, a estrutura do telhado, algumas janelas e um púlpito. A necessidade de integrar esses componentes na lógica do edifício implicou um redesenho de parte do projecto e profundas alterações no programa, que hoje consideramos terem claramente beneficiado o projecto e contribuído para clarificar a própria história do edifício. Era claro, desde o início, que não se tratava aqui de fazer uma reconstituição histórica de um dado momento inicial do edifício, mas de deixar evidentes as marcas qualificadas das transformações que sofreu, que é também parte da história da ciência e da química em Portugal. O resultado final consegue um grande equilíbrio, respeitando o objectivo.



Perspectiva da exposição permanente na 'sala dos trabalhos em grande'. (foto: Fernando Guerra)

## Conteúdos

Para o desenvolvimento do programa científico, procurou-se um pequeno grupo de cientistas da Universidade de Coimbra, que foi responsável pela elaboração do guião e conteúdos científicos da exposição permanente, designada “Segredos da Luz e da Matéria”, que explora em cinco áreas vários aspectos da interacção entre a luz e a matéria: as propriedades da luz, a interacção entre a luz e a matéria, a luz do sol – o que permitiu colocar em relevo um dos mais antigos registos de observação solar, realizado no Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra -, a luz e a visão dos animais, as cores. O tema apresenta um carácter interdisciplinar, combinando conhecimentos e objectos de várias áreas, mas de modo a construir um discurso coerente e cientificamente consistente.

## Equipas

O sucesso de um projecto museológico desta natureza depende da qualidade do trabalho de inúmeras equipas. Operando dentro dos condicionalismos de projectos públicos, procurámos

assegurar, em cada caso, as empresas que nos garantissem a melhor qualidade dentro de custos razoáveis, através da definição criteriosa dos objectivos e dos critérios de selecção. Na verdade, o projecto, mesmo com as alterações introduzidas, pôde ser mantido dentro dos valores inicialmente previstos de 3 milhões de euros.

## Museologia

A museologia desenvolvida para o museu baseou-se em experiências recentes – em particular a Grande Galeria de Evolução do Museu de História Natural de Paris e a Cosmocaixa de Barcelona –, combinando objectos, experiências e elementos interactivos com multimédia, numa forma multimodal de apresentação do conhecimento científico. Pretendia-se criar uma exposição envolvente, permitindo uma interacção fecunda entre a ciência e as questões que afectam a sociedade de um modo mais directo. A exposição é apenas uma viagem por uma pequena fracção do conhecimento científico. Mas, pretendia-se que fosse uma viagem impressiva, que interessasse os visitantes pela ciência.

Cada núcleo temático possui um conjunto de objectos ou instrumentos científicos históricos que contextualizam as experiências ou fenómenos que se procuram explicar, através de módulos interactivos de diversos tipos, de representações e de multimédia.



Sala do laboratório de aulas práticas, introduzindo a ciência praticada no séc. XVIII. Observam-se ao fundo instrumentos de química da fase inicial de actividade do *Laboratorio*. (foto: Fernando Guerra)

Um dos princípios por que nos guiámos era o de que todos os fenómenos e experiências teriam que ser realistas. Para manter a sua necessária espectacularidade, foi necessário, em alguns casos, proceder a modificações já na fase de teste e utilização. Tivemos, para isso, o importante apoio de vários colegas cientistas da Universidade de Coimbra para o aperfeiçoamento de módulos científicos, até que estes atingissem os resultados pretendidos, em termos de eficácia museográfica.

Os museus podem e devem ser locais privilegiados para o necessário diálogo entre a ciência e a sociedade. Mas, para que tal aconteça, é vital que as questões difíceis e os problemas que afectam a sociedade não sejam colocados à distância, ou de quarentena, mas sejam directamente abordados nos museus. Muitas destas questões possuem lados económicos e políticos que estão para lá do âmbito da ciência. Mas, mesmo nesses casos, o conhecimento científico pode contribuir decisivamente para a construção de uma opinião informada sobre os problemas.

Assim, não se tratava de construir um museu de história da ciência, mesmo que esta irradiasse de cada objecto ou parede dos edifícios em que está contido. Não se tratava de criar um museu universitário, virado para a sua comunidade académica, ainda que

as colecções e locais documentem a história da ciência vivida e ensinada na Universidade, bem como a forma como actualmente se investiga sobre as novas questões. O museu deveria, acima de tudo, testemunhar a actividade científica, no seu vaivém contínuo entre a descrição e classificação dos objectos, construção de modelos e confrontação dos modelos com a realidade, ao mesmo tempo que devia procurar trazer respostas aos problemas colocados pela sociedade, ajudando a interpretar e compreender os fenómenos relacionados com esses problemas, que requerem processos de decisão bem informados e cruciais para o futuro do nosso planeta.

### Prémio Micheletti

O Júri do Prémio Micheletti, ao escolher o Museu da Ciência, valorizou vários aspectos do projecto. Nas palavras do Júri: "O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra impressionou os juízes com a sensibilidade presente no restauro do notável edifício neo-clássico, o *Laboratorio Chimico*. Com o seu tema sobre os 'segredos da luz e da matéria', o museu cruzou várias disciplinas científicas; e a integração do edifício histórico e dos objectos com computadores interactivos e experiências cuidadosas e inteligentemente escolhidos e desenvolvidos revelou-se muito bem sucedida. Se juntarmos a isto um programa muito variado de actividades e um elevado padrão de publicações, a experiência resultante para os visitantes é excelente." (press release do European Museum Forum, Dublin, 19 de Maio de 2008; este documento e o relatório dos juízes pode ser consultado aqui: <http://assembly.coe.int/Museum/ForumEuroMusee/default.asp>). Os Juízes

felicitarão ainda o museu pelo vivo programa educativo e pela sua preocupação em trabalhar com públicos com necessidades especiais.

Creio que a citação acima resume os aspectos do projecto que o Júri do Prémio considerou mais interessantes e bem conseguidos: a sensibilidade do restauro de um edifício de grande valor histórico; a opção por uma temática interdisciplinar; a integração entre o moderno e o antigo, sem rupturas e choques, antes tirando partido da interacção resultante; a qualidade dos interactivos e, em particular, o facto de os conteúdos multimédia não serem demasiado infantis; o programa de actividades e a preocupação de trabalhar com públicos com necessidades especiais; a qualidade das publicações.

A atribuição do Micheletti Award foi motivo de grande satisfação pelo reconhecimento de que um museu universitário no sul da Europa pode realizar um trabalho qualificado, profissional, visualmente apelativo e museologicamente eficaz e ver esse trabalho reconhecido por um dos mais exigentes júris.

## Segunda fase do projecto

O Museu da Ciência desenvolve-se em duas fases. Concretizada a primeira, trata-se, ao mesmo tempo que se consolida a actividade, de proceder à recuperação do Colégio de Jesus, edifício fronteiro ao Laboratório Chimico, para aí agrupar todos os núcleos museológicos dispersos, criando reservas para todas as colecções, uma grande área de exposição permanente, áreas para exposições temporárias, programas educativos, apoio à investigação e espaços associados, como loja e restaurante. A filosofia museológica e os princípios de restauro e requalificação do edifício serão os mesmos que foram testados com sucesso no Laboratório Chimico.

Mais uma vez, trata-se de requalificar um importantíssimo edifício histórico, um dos primeiros colégios jesuítas, que acolheu, no decurso da reforma pombalina da Universidade de Coimbra, os primeiros gabinetes de física e de história natural, documentando, de forma marcante o desenvolvimento da ciência moderna em Portugal, na altura acompanhando o movimento dos centros mais desenvolvidos da Europa.

Está em curso, até final de Setembro, o concurso para selecção da equipa de arquitectura que projectará a segunda fase do Museu da Ciência.

Paralelamente, procedeu-se, com o empenho de conservadores e técnicos, à digitalização do inventário das colecções, um conjunto de mais de 250 mil objectos, de que se encontram já disponíveis ao público 19 mil. Este **Museu Digital** encontra-se em contínuo crescimento e é uma porta aberta às colecções da Universidade de Coimbra e à história da ciência. Pode ser acedido a partir do site do Museu da Ciência ([www.museudaciencia.pt](http://www.museudaciencia.pt)).

## MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA FICHA TÉCNICA DO PROJECTO

### COMISSÃO PARA O PROGRAMA DO MUSEU DA CIÊNCIA

Michel van Praet  
Gonçalo Byrne  
João Rui Pita  
Paulo Gama Mota

### PROJECTO EXPOSITIVO

#### Coordenação Geral

Paulo Gama Mota

#### Museologia

Pedro Casaleiro

#### Comissão Científica

Carlos Fiolhais  
Décio Martins  
João Fernandes  
Maria da Graça Miguel  
Rui Fausto

#### Comissariado Executivo

Andrea Gaspar  
Anísia Martins Rosa  
Carla Coimbra Alves  
Dália Monteiro  
João Ribeiro

#### Fotografia

Emanuel Braz  
José Meneses

#### Legendas

António Piedade

#### Design Gráfico

FBA

#### Divulgação

Gabinete de Comunicação e Identidade da Universidade  
de Coimbra

#### Módulos Interactivos

Farmi  
Maketree  
Pendulum

#### Multimédia

Flor da Utopia  
Global Imagination

**Iluminação Cénica** Gilberto Reis

### Conservação e Restauro

Atelier Conservazione  
Atelier de Restauro do Jardim das Amoreiras  
Atelier Samthiago  
Consertarte  
Gilberto Pereira  
Henrique Menezes e Sofia Freire  
In Situ

### Produção

Arquiled  
Construtora da Ferraria  
Imediata  
Micro-io  
Pedro Serras  
Prefico  
Quantific  
Rothstein

### ARQUITECTURA

João Mendes Ribeiro  
Desirée Pedro  
Carlos Antunes

### Colaboração

Filipa Jorge, Hugo Santos, Manuela Nogueira, Rafael de  
Sousa, Rafael Vieira, Ana Cerqueira, Cátia Marques e  
Isabel Correia

**Fundações e Estruturas** Paulo Maranhã Tiago  
**Instalações de Águas e Esgotos** Maria Fernanda Moura  
Correia **Instalações Eléctricas** Pascoal Faísca  
**Instalações Mecânicas** João Madeira da Silva  
**Instalações de Gás** Paulo Sampaio  
**Comportamento Térmico e Acústico** Celsa Vieira  
**Telecomunicações** Pascoal Faísca  
**Segurança Integrada** Pascoal Faísca  
**Segurança Contra Incêndios** Paulo Maranhã Tiago  
**Conservação e Restauro da Pedra** Fernando Marques  
**Arqueologia** Sónia Filipe, Paulo Morgado  
**Fiscalização** Rui Prata Ribeiro, Lda.  
**Empreitada** Reis, Rocha e Malheiro

## OPINIÕES

### COMO COGUMELOS...: A ERA DO *FRANCHISING* CHEGA AOS MUSEUS

**I**  
**Rita Fabiana**

Curadora e produtora de exposições de arte contemporânea, Técnica especialista/coordenadora do sector Artes Plásticas do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

*Franchising* designa, genericamente, um modo de funcionamento de uma actividade comercial em rede, fortemente regulada. Apensa à actividade dos museus e aos seus modos de funcionamento, aproxima-o, sem suspensão, das leis do mercado: da oferta e da procura, da receita. A fixação de um modelo de museu a partir de premissas como a eficácia mediática e financeira agirá sobre a gestão dos espaços museológicos e das suas mediações (modos de diálogo com os públicos), sobre a programação e sobre a gestão dos seus profissionais. Nesse sentido, o museu participa de um quadro geral de crescente regulação e normalização a que têm sido submetidas as experiências e vivências culturais globais. Esse é também o caminho já percorrido pelas indústrias culturais e do entretenimento.

Ainda que a aproximação entre o conceito de *franchising* e de museu seja um facto exógeno à própria prática dos museus, o seu surgimento acontece num quadro tendencial de aproximação do museu aos valores do mercado global, legitimada pela necessidade de sustentabilidade e de alargamento das fontes de financiamento dos museus, privados e estatais. Os museus são hoje, mais do que nunca, estruturas complexas, num contexto de trocas e parcerias internacionais e de maior profissionalização e especialização dos seus mediadores (programadores, directores artísticos, curadores, serviços educativos...). Existe hoje uma maior pressão sobre a programação dos museus e, com isso, o risco da sua adequação ao gosto e apetências do grande público que influi sobre a identidade das instituições e sobre a sua autonomia científica. Encontramos também aqui, sem todavia esgotar a questão, uma das motivações para o crescente protagonismo da “exposição” e do museu enquanto “centro de exposições”, porquanto geradores de público, sobre o museu “coleção” e “património”.

Deveremos interrogar-nos se *este* museu poderá continuar a assegurar valores como a preservação das colecções patrimoniais, a diversidade e a pluralidade, mas também o apoio à criatividade e autonomia artísticas, sobretudo no campo da arte e da criação contemporâneas. Estes são valores fundamentais para o desenvolvimento das sociedades e intrínsecos à vivência democrática.

O Museu Guggenheim de Nova Iorque e os seus múltiplos em Bilbao, Berlim, Veneza e Las Vegas são o exemplo pioneiro e emblemático de *franchising* de um museu privado. Partindo de uma estratégia de expansão internacional de uma instituição prestigiada, a *marca* Guggenheim propõe um modelo de museu muito mediatizado, mas ganhador: um caso de sucesso junto do público, gerador de receita. Em Bilbao, esta deriva tem efeitos sobre a sua programação que tem vindo a preterir a apresentação da sua coleção, à organização de exposições *blockbuster* de circulação internacional, as também chamadas exposições de “pacote”, pagas. Curiosamente, o Guggenheim nova-iorquino tem gerido com grande “flexibilidade” a circulação internacional do núcleo central da sua coleção.

O Museu Guggenheim Bilbao participa plenamente na activação dos fluxos turísticos da cidade mas, ainda que seja um caso de êxito de inscrição de um museu num projecto de revitalização urbana, o modelo coloca o museu ao serviço de um interesse particular, económico e político, posicionando-o na via da mercantilização e da *espectacularização* da arte e da cultura.



Em espaço europeu, chegou-nos mais recentemente um outro exemplo de *franchising* de um museu, agora público, o Louvre e a sua projectada “sucursal” em Abou Dhabi, no mesmo local onde nascerá um novo Guggenheim. O Louvre Abou Dhabi inaugura o modelo para a futura acção internacional dos museus públicos franceses ou a tão aclamada “irradiação da cultura francesa no mundo”, afixada pelos meios governamentais. Com contornos de um acordo diplomático entre a França e os Emirados Árabes Unidos, este espelha interesses geopolíticos e económicos de ambos os países. Com contrapartidas financeiras muito avultadas - 1 bilião de euros em trinta anos pagos pelos Emirados à França - que revertem para os museus franceses, estes deverão ceder (alugar!) um número significativo de obras das suas colecções, sobretudo o Louvre, para a criação de um museu universal no centro de um complexo turístico de luxo/plataforma de negócios na Ilha de Saadiyat.

Este é um caso de instrumentalização de um bem público submetido quer ao poder económico, porque aqui as colecções são reduzidas a *activos financeiros*, quer aos interesses políticos dos estados. Se ainda assim quiséssemos avançar sobre a qualidade universal das obras de arte, pertença de todos, logo não fixadas a um estado ou lugar específico, não deixa de constituir matéria para reflexão o que parece vislumbra-se no campo dos novos desenvolvimentos do *franchising*: por um lado, assistimos a um movimento de massificação da experiência artística, gerida por valores de mercado, por outro, assistimos à criação de núcleos museológicos em locais de turismo de elite, anunciando, talvez, uma manifesta discriminação no acesso aos bens patrimoniais.

## II

### Luís Raposo

Arqueólogo, Director do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa

Temos observado na última década, um pouco em todos os países industrializados e na razão directa do triunfo provisório de um certo liberalismo económico, uma crescente invasão dos museus por parte das “forças do mercado”. Não se trata já apenas de abrir os museus à sociedade. A passagem do “museu-templo” ao “museu-comunidade”, teorizada desde o pós-guerra, tinha já sido praticada e, com maior ou menor sucesso, é hoje comum e banal em todo o mundo. Não, aquilo que está agora em causa é a verdadeira captura do museu, enquanto conceito, e dos museus, enquanto instituições concretas, sobretudo os grandes museus, por parte de agentes do mercado, sejam eles investidores particulares, criadores de “eventos” ou empresas operando no sector terciário da economia, especialmente aquelas que se dedicam à rentabilização dos capitais acumulados no interior do sistema financeiro internacional. Toda esta evolução tem provocado um profundo “mal-estar” (pedindo emprestado o termo de Jean Clair em “Malaise dans les musées”, ed, Flammarion, 2007), primeiro dentro dos próprios museus e agora já também em camadas sociais mais vastas.

Para muitos empreendedores (termo que agora se prefere a capitalistas), a palavra “museu” reduziu-se aos possíveis benefícios da sua “imagem de marca”. E as colecções passaram a ser apreciadas enquanto “activos financeiros”. O percurso que tem vindo a ser trilhado pode talvez organizar-se em três momentos.

Primeiro, tentou-se a invenção de novos (pseudo) museus com edifícios extraordinários, mas quase sem colecções. Esse tempo, porém, começa a passar, sendo já evidente o fracasso do projecto museológico Guggenheim, que em Las Vegas apenas consegue subsistir à custa de se ter transformado numa espécie de mega-*stand* de motos e automóveis, e em Bilbao se alimenta somente de um ícone arquitectónico eficaz, mas sem real substância museológica. É previsível que, com o tempo, estes “museus”, para sobreviverem, conheçam uma de duas evoluções: se convertam em centros culturais polivalentes, apresentando conteúdos diversos, mas não prioritariamente alicerçados na relação interpelante e muito singular que se estabelece entre observador e peça original, dentro do âmbito conceptual dos museus, ou simplesmente abdicuem dos

conteúdos, podendo adoptar a forma de espaços virtualmente vazios, que valem pelo invólucro. Em ambos os casos, está fora de dúvida que podem ter êxito de bilheteira e sobretudo podem ser importantes factores de construção de cidade. Mas não são museus.

O passo seguinte tem sido o do aluguer da imagem e das colecções dos museus nacionais, postas ao serviço de quem mais possa pagar – o que levou Françoise Cachin, Jean Clair et Roland Recht a lançarem o seu grito, já célebre, segundo o qual “Os museus não estão à venda” (*Le Monde*, 12.12.2006). De facto, o caso do Louvre, que esteve na origem imediata daquele manifesto, é especialmente inquietante e isso foi dito em nota dirigida ao Ministro da Cultura pela maioria dos seus conservadores (colocado em linha em 4.2.2007 na *La Tribune d’Art*: [www.latribunedelart.com/Debats/Debats\\_2007/Motion\\_Conservateurs\\_491.htm](http://www.latribunedelart.com/Debats/Debats_2007/Motion_Conservateurs_491.htm)). Em poucas palavras, o Estado francês, por motivos políticos (proclamatórios e pomposos) e económicos (dissimulados e triviais), não apenas aceita arrendar ao Abu Dhabi a marca “Louvre”, acompanhada da (quase) cedência de colecções, como se dispõe ainda a fazer dos conservadores do museu parisiense *marchands* da oligarquia reinante naquele país árabe, orientando o futuro enriquecimento das suas colecções. Outro exemplo paradigmático é o do Hermitage, que tem vindo a procurar vender a sua imagem de marca para assim capitalizar recursos. Trata-se de uma experiência potencialmente melhor, do ponto de vista do museu e do património russo, mas que deixa, por enquanto, muitas dúvidas, por não ser ainda clara qual a aplicação final que tais recursos verdadeiramente vão ter.

O próximo passo, que na realidade já começou a ser dado no ano corrente pela Galeria de Arte Contemporânea de Leipzig (veja-se a notícia sobre o assunto do *The Art Newspaper*, datada de 12 de Junho passado e disponível em linha: <http://www.theartnewspaper.com/article.asp?id=8525>), será o do aluguer ou pura e simplesmente cedência da gestão dos espaços e das colecções dos museus, em parte ou no todo, para que galeristas, investidores, coleccionadores e empresários aí possam melhor promover as suas obras e fazer os seus negócios, aproveitando a boleia dos acervos públicos. Será esse o verdadeiro cenário que, de acordo com a lógica e a motivação dos agentes do mercado, deverá esperar-se vir a acontecer e diversas administrações públicas nacionais, incluindo a portuguesa, abriram já, do ponto de vista conceptual e legal, a porta a que tal suceda, através do arrendamento da gestão dos museus a privados.

Vivemos um tempo em que a procura de novos domínios de investimento e as necessidades decorrentes da retro-alimentação do capital financeiro se juntam à falência do sentido do serviço público e do tempo longo, com a redução, quase desmantelamento, do Estado social (não será assim quando, em Portugal, por exemplo, se vê que a Cultura não foi considerada como função de soberania, em nenhuma das suas valências?), dando origem a uma conjugação de forças que pode efectivamente representar o fechar de um ciclo que teve origem no Século das Luzes. Dito de outro forma: do antigo “museu-armazém” estamos perigosamente a chegar à fase do “armazém-museu”, ou seja, ao momento que já Francis Haskell profetizava no desencanto que o percorria no final da vida relativamente à moda das grandes exposições guiadas apenas pelo êxito de bilheteira, mas inconsequentes ou até contraproducentes - do ponto de vista do conhecimento, da formação de cidadania, da efectiva divulgação das colecções - e, sobretudo, altamente devastadoras, do ponto de vista da conservação e investigação das obras de arte (v. *The Ephemeral Museum: Old Master Paintings and the Rise of the Art Exhibition*, Yale University Press, 2000).

Quando chegarmos a este terceiro estágio, os museus, sobretudo os museus dotados dos acervos mais cobiçados, poderão continuar a existir, mas apenas como depósitos de colecções nos quais “promotores de eventos”, contratados por capitalistas mais ou menos cultos (e temos bons exemplos próximos de nós de como dinheiro e vontade de investir em arte não significam ilustração ou cultura...), irão pescar à linha peças em ordem ao preenchimento de mostras cada vez mais epidérmicas, cada vez mais parasitárias, mas, porventura, também cada vez mais rendíveis, do ponto de vista da sua promoção social e do acréscimo das

suas finanças. Quando aqui estivermos, os museus deixaram de existir de facto, porque já não substituirá a unidade fundamental (investigação, incorporação, conservação, divulgação e educação) que faz deles aquilo que desde a Revolução Francesa passaram a ser. Mas, como em tudo na vida, só lá chegaremos se os muitos que pensamos os museus com a generosidade militante que nos fez entrar neles, nos calarmos e deixarmos de lutar pelas nossas convicções.

---

*Apresentamos neste número uma nova coluna intitulada "Entrevista com...", através da qual damos a palavra a pessoas não ligadas profissionalmente aos museus. Pretendemos registar, de forma breve e informal, as percepções de vários membros do público, visitantes ou não, sobre os museus. Queremos ouvir e não pretendemos comentar ou censurar, conscientes de que nem sempre iremos gostar de ou concordar com as afirmações feitas. Esperamos, no entanto, que cada uma delas seja um bom motivo para alguma reflexão.*

Maria Vlachou

## ENTREVISTA COM...

No Expresso online de 22 de Abril deste ano, na secção "Dossiês" e ao lado de uma notícia intitulada "Museus ao Vivo – Os mistérios da morte", relativa à uma exposição sobre rituais funerários no Museu Nacional de Arqueologia e ligada à celebração dos 150 anos do nascimento de José Leite de Vasconcelos, encontrava-se uma campanha publicitária para troca de peças da Xerox, onde se lia:



Foi este o pretexto para uma mini-entrevista com o Director de Marketing da empresa, Fernando Chaves.

**ICOM.PT:** Qual foi a ideia por trás da campanha para a troca de peças? Porquê esta referência ao museu?

**Fernando Chaves (FC):** Quando a nossa equipa de Marketing e Comunicação fez o *briefing* para o planeamento desta campanha, debatemos algumas das barreiras mais comuns que os clientes colocam à troca dos seus equipamentos. Muitos dos nossos clientes mostram muita relutância em trocar equipamentos antigos enquanto estes ainda funcionam. Esta é uma atitude comum perante algumas das nossas "peças de estimação", que gostamos de manter independentemente do seu custo real de manutenção ou de sabermos que a evolução tecnológica já as colocou "fora de moda".

Numa empresa, o "fora de moda" pode ser a diferença entre o sucesso ou a sobrevivência. Num museu é onde tipicamente podemos ver peças fora da nossa época e com valor. A campanha pretende comunicar que, apesar do equipamento estar a funcionar e ser valioso, a sua antiguidade faz com que não tenha as funcionalidades e características da era tecnológica actual. Ou seja, estará fora da sua época e o seu lugar é

em Museus, onde podemos ver como viviam e trabalhavam os nossos antepassados. Queríamos que os clientes olhassem para as novas funcionalidades dos equipamentos (cor, multifuncionalidade, integração em rede, e-mail, etc.) e como elas poderiam transformar o "custo" da troca num investimento rentável.



A própria divulgação interna da campanha aos nossos parceiros de negócio foi efectuada simultaneamente para todo o país, com meios tecnológicos actuais (web conference), mas em locais associados ao tema: Padrão dos Descobrimentos, Conimbriga, Templo de Diana (Forum Eugénio de Almeida) e Fundação António de Almeida.

**ICOM.PT:** Qual foi o critério para a escolha destes locais?

**FC:** Tínhamos pré-seleccionado 5 áreas (Lisboa-Sede Xerox, Lisboa, Porto, Coimbra e Alentejo/Algarve). Foram seleccionados locais que tivessem capacidade para receber grupos de pessoas numa sala com sistemas de projecção. No site dos Museus de Portugal esta informação não estava disponível. Baseámo-nos no nosso conhecimento dos locais e pedimos ajuda aos nossos representantes nas áreas geográficas seleccionadas.

**ICOM.PT:** Não pensaram em contactar museus mais ligados à ciência e à tecnologia, por exemplo, o Museu de Ciência, o Pavilhão do Conhecimento, o Museu da Electricidade, o Museu das Comunicações, etc?

**FC:** As limitações anteriores direccionaram-nos para os locais escolhidos, entre muitos outros que foram sendo apresentados.

**ICOM.PT:** Há quanto tempo trabalha na Xerox e de que é que gosta mais no seu trabalho?

**FC:** Vinte e três anos. Tenho passado por muitas áreas e a que gosto mais é sempre aquela onde estou hoje.

**ICOM.PT:** Qual a sua relação com os museus? Visita, não visita?

**FC:** Sim, conheço muitos dos museus nacionais, onde os meus avós e depois os meus pais me levavam nas férias e fins-de-semana. Segui o procedimento com os meus filhos e, como tive oportunidade de viajar para o estrangeiro, conheço alguns dos mais emblemáticos museus do mundo.

**ICOM.PT:** Qual é o seu museu favorito?

**FC:** Talvez o Museu de História Natural em Londres e o Hermitage em São Petersburgo. O primeiro porque é o que melhor recorde (estavam lá os dinossauros e uma parte muito interactiva para crianças e adultos), o segundo pela dimensão e valiosíssimo espólio.

## IN MEMORIAM

### PER-UNO ÄGREN (1930 - 2008)



Per-Uno Ägren morreu em Julho passado, na Suécia, causando-nos um sentimento de grande perda, solidário com a sua família e os seus amigos.

Para além da repercussão do trabalho e Per-Uno na museologia nórdica, muitos membros da comunidade museológica internacional lhe reconhecem um importante contributo para o aprofundamento do papel dos museus e dos seus profissionais junto das comunidades locais.

Pedimos a Clara Camacho e a Maria João Vasconcelos os seus testemunhos pessoais sobre o conhecimento que travaram com Per-Uno Ägren, em diferentes momentos e contextos em que aquele participou na realidade museológica em Portugal.

Graça Filipe

### I Clara Camacho

Subdirectora do Instituto dos Museus e da Conservação

Conheci Per-Uno Agren em Lisboa por volta de 1990, numa conferência organizada pela Maria do Céu Baptista na Fundação Gulbenkian. Na altura eu era responsável pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira, onde tinha inaugurado recentemente o Núcleo de Alverca que o Per-Uno visitou nessa ocasião. Dessa visita e das conversas que se lhe seguiram nasceu uma forte amizade pessoal e profissional, só agora interrompida. Nasceu também o projecto de uma visita de estudo de quatro profissionais de museus locais portugueses a museus suecos que se realizou em 1991, em que tive o privilégio de participar com a Ana Duarte, a Isabel Victor e o José Gameiro. Dessa inesquecível aventura pelas neves suecas guardo a memória dos muitos museus visitados, mas, sobretudo, da relação viva e consolidada com as comunidades e da organização estruturada do sistema museológico sueco. A partir daí, e com contactos regulares ao longo dos anos, quer na Suécia, quer em Portugal, nunca mais deixou o Per-Uno de influenciar o meu trabalho: fosse na programação de exposições no Museu de Vila Franca de Xira, fosse na concepção do projecto da Rede Portuguesa de Museus, fosse na investigação e revisão da minha tese de mestrado.

O contributo de Per-Uno Agren foi determinante para a museologia sueca e nórdica, em particular pela reprogramação do Museu Regional de Vasterbotten, que dirigiu nos anos setenta do século XX, pela importância dada à acção educativa, pela criação do curso de Museologia na Universidade de Umea em 1983 e pela fundação e direcção da revista Nordisk Museologi em 1993, revista que ganhou reputação internacional. Portugal beneficiou especialmente da sua acção no período pós-1974, quando o governo português solicitou à UNESCO aconselhamento para o sector dos museus, tendo o ICOM indicado Per-Uno Agren. Da Missão UNESCO, como ficou conhecida, resultaram três deslocações de Per-Uno ao nosso País entre 1976 e 1979, concretizadas em visitas aos museus portugueses, em particular aos museus locais e cursos de formação descentralizados, em que participaram mais de uma centena de pessoas. Embora as recomendações constantes dos Relatórios que redigi no término da Missão não tivessem tido na altura

seguimento por parte do governo português, inspiraram algumas das medidas tomadas pelo IPPC no início dos anos oitenta, na elaboração do Plano Museológico Nacional, que, contudo, vieram a ser interrompidas. Muitos anos mais tarde, já em 2000 quando foi delineada a Rede Portuguesa de Museus, as propostas de Per-Uno Agren de 1979 para a criação de uma rede de museus em Portugal revelaram toda a sua actualidade.

## II

### **Maria João Vasconcelos**

**Directora do Museu Nacional Soares dos Reis**

A notícia da morte de Per-Uno Agren foi pretexto para revolver velhos papéis e fotografias e descortinar memórias que se vão acomodando ao longo do tempo que passa mais depressa do que imaginávamos.

A sua vinda a Portugal naquele Inverno de 1976 foi decisiva para o rumo que dei à minha passagem pelos Museus em que tenho trabalhado.

Acompanhei-o, com a Teresa Viana e o Sérgio Andrade, na primeira viagem por terras do Norte. Aqui contactou com a realidade de pequenas terras e pequenos Museus, uns entregues a Directores mais convencionais, outros ainda embrionários e fruto do entusiasmo de gente com quem Per-Uno estabelecia uma relação calma, discreta, mas ao mesmo tempo cúmplice nos objectivos e orgulho que descortinava na forma como se exprimiam.

Foi com o Per-Uno que muitas das experiências de trabalho, que com empenho ia tentando, ganharam mais consistência e resultaram em projectos de integração do respeito pelo património que nos é confiado com a primazia que sempre me pareceu dever ser dada a quem o usou antes de ser musealizado ou a quem o pode usar com esse seu novo estatuto.

Em Guimarães, Estremoz ou Alcobaça, como noutros locais onde passou em viagens organizadas a partir do Grupo de Trabalho<sup>1</sup> criado para apoiar a sua Missão de Consultor da Unesco, manifestava sempre a sua convicção da necessidade de reforçar a função de mediadores que deveriam ter as pessoas que formam as equipas dos Museus. A preocupação com a falta de correspondência entre as colecções dos Museus que visitou e a história das respectivas localidades, reflectia a influência de Georges Henri Rivière, que era então para todos nós uma referência fascinante com a ideia do ecomuseu.

No Seminário organizado em Guimarães em 1978 ou nos de Seia e Faro no ano seguinte foi esta tónica de dar sentido às programações e reflectir nestas a realidade local, que constituiu a grande novidade e foi o embrião de muito do que de positivo se fez no âmbito dos Museus regionais e locais desde então.

---

<sup>1</sup> Este grupo de trabalho que reunia no Museu Nacional de Arte Antiga a partir do qual todo este processo se desenrolou, era presidido pelo Representante da Direcção Geral do Património Cultural, João Manuel Bairão Oleiro, e tinha representantes de várias entidades – Maria Alice Beaumont, Directora do MNAA; Irisalva Moita, representante dos Museus Municipais; Sérgio Andrade da Comissão Nacional do ICOM; Maria João Vasconcelos, representante dos Museus Locais e ainda representantes da Direcção Geral de Acção Cultural e do Ministério da Educação, que foram variando. Colaboravam intensamente com este grupo: Maria Emília Amaral Teixeira, Directora do Museu Nacional de Soares dos Reis e as Conservadoras e Técnicas do mesmo; Rafael Calado e outros Conservadores do MNAA; Ernesto Veiga de Oliveira e outros colaboradores do Museu de Etnologia.

---

## NOVAS PUBLICAÇÕES

### **Spectacle and Display**

Deborah Cherry and Fintan Cullen (eds)  
Blackwell Publishing  
ISBN: 978 1 4051 7524 1 / £19,99

### **The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity**

Brian Graham and Peter Howard (eds)  
Ashgate  
ISBN:9 7807 5464 9229 / £80

### **Moving Rooms: the trade in architectural salvages**

John Harris  
Yale University Press  
ISBN:9 7803 00 12 420 0 / £30

### **The Art Museum: From Boullée to Bilbao**

Andrew McClellan  
University of California Press  
ISBN: 978 0 520 251267 / £17,99

### **Lost in the Museum: buried treasures and the stories they tell**

Nancy Moses  
AltaMira Press  
ISBN:978 0759110700 / £14,99

### **Advances in the Protection of Museum Collections from Earthquake Damage**

Jerry Podany (ed)  
Getty Publications  
ISBN:9 7808 9236 9089 / £32

### **The Power of Touch**

Elizabeth Pye  
Left Coast Press  
ISBN: 9 7815 9874 304 3 / £18,99

### **Open Air Museums: the history and future of a visionary idea**

Sten Rentzhog  
Caelssons Jamtli  
ISBN:978 91 7948 208 4 / £39,50

### **Rithinking Evolution in the Museum**

Monique Scott  
Routledge  
ISBN: 9 7804 1540 540 9 / £22,99

## CALENDÁRIO DE INICIATIVAS

### PORTUGAL

**[Curso] III Curso de Museologia da APOM**

8 a 12 Setembro

Museu da Chapelaria, S. João da Madeira

Contacto: Suzana Menezes

museu.chapelaria@gmail.com | Tel: 256 201 680

**[Seminário] O Mais ou o Menos – O Espaço Público de Cultura nas Autarquias Locais**

11 e 12 Setembro, 13 e 14 Outubro

Casa de Serralves, Porto

Contacto: Fundação de Serralves - Serviço Educativo

Diana Cruz: d.cruz@serralves.pt | www.serralves.pt | Tel.: 226156 500

ou

Centro de Estudos de Formação Autárquica (CEFA)

Sílvia Valente: silvia.valente@mail.cefa.pt | Sofia Aparício: sofia.aparicio@mail.cefa.pt |

Tel.: 239 796 500

**[Simpósio] XXVII Symposium of the Scientific Instrument Commission**

16 a 21 Setembro

Museu de Ciência, Universidade de Lisboa

Contacto: Marta Lourenço (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa)

mclourenco@museus.ul.pt | <http://chcul.fc.ul.pt/sic2008/>

**[Palestra] O Património Científico no Brasil**

23 Setembro, 17h00

Museu de Ciência da Universidade de Lisboa

Orador: Marcus Granato, Coordenador do Museu de Astronomia e Ciências Afins de Rio de Janeiro

Contacto: Fernanda Ribeiro

fribeiro@museus.ul.pt | Tel. 213 921 810

**[Palestra] Uma Contribuição para a Estruturação da Museologia como Área Académica no Brasil**

24 Setembro, 18h00

Museu de Ciência da Universidade de Lisboa

Orador: Marcus Granato, Coordenador do Museu de Astronomia e Ciências Afins de Rio de Janeiro

Contacto: Fernanda Ribeiro

fribeiro@museus.ul.pt | Tel. 213 921 810

**[Encontro] Núcleos Museológicos: Que Sustentabilidade?**

26 Setembro

Museu Municipal de Faro

Contacto: Museu Municipal de Faro

dmm.drp@cm-faro.pt | www.cm-faro.pt | Tel. 289897400

**[Seminário] Museus do Futuro – Museus com Futuro**

26 Setembro

Auditório da Escola Superior de Educação de Setúbal, Setúbal

Contacto: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal

maeds@mail.telepac.pt | Tel. 265 239 365



**[Simpósio] Ao Alcance das Mãos – Informação Táctil nos Museus e Centros de Ciência**

29 Setembro

Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, Lisboa

Contacto: Fátima Alves

falves@pavconhecimento.pt | www.pavconhecimento.pt | Tel. 218 917 100

**[Debate] Profissões Museais: o Referencial Europeu e a Situação Portuguesa**

8 Outubro

Universidade Lusófona, Lisboa

Informações: www.icom-portugal.org

**[Encontro] 1<sup>as</sup> Jornadas do Património**

21 e 22 Outubro

Museu Municipal de Ferreira do Alentejo

Contacto: Sara Ramos

museu@cm-ferreira-alentejo.pt | www.cm-ferreira-alentejo.pt | Tel. 284 738 860

**[Encontro] 3.º Encontro Internacional de Tecnologias Aplicadas à Museologia, Conservação e Restauro**

23 e 24 Outubro

Biblioteca Almeida Garrett, Porto

Contacto: Natália Jorge

natalia@sistemasfuturo.pt | www.sistemasfuturo.pt/eitec | Tel. 228 329 938/9

**[Encontro] Forum Cultura e Criatividade 2008**

19 a 23 Novembro

Exponor, Matosinhos

Contacto: Patrícia Remelgado

pat.remelgado@gmail.com | www.inovaforum.org

## ESTRANGEIRO

**[Conferência] The Changing Role of Marketing in Museums**

3 Setembro

Science Museum, Londres, Reino Unido

Contacto: Greg Chamberlain

greg@heritage365.com | www.heritage365.com

**[Conferência] Exhibiting antiquity**

18 e 19 Setembro

Birkbeck, University of London, Londres, Reino Unido

Contacto: Kate Nichols

katenichols@yahoo.co.uk | www.bbk.ac.uk/hca/about/conferences/antiquityconference

**[Simpósio] International Museum Design Symposium**

14 Outubro

Science Museum, Londres, Reino Unido

Contacto: Greg Chamberlain

greg@heritage365.com | http://www.heritage365.com

**[Simpósio] ICOMOS Symposium Cultural Heritage: Astronomical Observatories (around 1900) - From Classical Astronomy to Modern Astrophysics**

14 a 17 Outubro

Universidade de Hamburgo, Alemanha

Informações:

<http://www.math.uni-hamburg.de/spag/ign/events/icomos08.htm>

<http://www.math.uni-hamburg.de/spag/ign/events/pdf/icomos08-prog.pdf>

**[Workshop] Making National Museums**

17a19 Novembro

Universidade de Oslo, Noruega

Contacto: Peter Aronsson

[petar@isak.liu.se](mailto:petar@isak.liu.se) | [www.namu.se](http://www.namu.se)

## E AINDA

Informação sobre todos os encontros dos Comités Internacionais do ICOM em

<http://icom.museum/calendar.html>

INFORMAÇÃO ICOM.PT é uma publicação trimestral da Comissão Nacional Portuguesa do ICOM.

Editora Maria Vlachou ([mariavlachou@sapo.pt](mailto:mariavlachou@sapo.pt))

Design Sistemas do Futuro

Colaboraram nesta edição: Clara Camacho, Graça Filipe, Luís Raposo, Maria João Vasconcelos, Maria Vlachou, Paulo Gama Mota, Rita Fabiana. A todos os colaboradores o nosso agradecimento.